

O que há de pior entre Lisboa e Vila Franca

Por Domingos Neto

3 de Março de 2004

Os arredores de Lisboa, no percurso até Vila Franca de Xira, devem ser dos mais degradados do país. Têm uma população operária e de rendimentos baixos, que sofre de viver numa zona com enorme falta de qualidade ambiental.

Eis alguns destes problemas (documentados com fotos)

Esgotos não tratados a desaguarem no Tejo e no Trancão



Esgotos a céu aberto em Alverca



Andares à venda no Forte da Casa
com o esgoto a correr ao lado



Descarga de esgoto para o Rio Trancão junto à ponte do IC2



Lixeiras e produtos de descargas ilegais de entulhos, a céu aberto



Lixeira espontânea sob a ponte do IC2 sobre o Rio Trancão



O rio Tejo separado fruição e da convivência das pessoas por uma cintura quádrupla:

1. Uma cintura industrial (GALP, Sacor, BP; Copam, Solvay, Covina-Saint Gobain, etc.), que polui a atmosfera e tapa quase todas as entradas para o rio.
2. A linha do Norte, provavelmente a linha de caminho de ferro mais movimentada do país, cheia de passagens de nível.



3. A IC2 e a antiga estrada nacional N10, completamente inestética, superlotada, com outdoors por todo o lado, sem faixas nem passadeiras para peões.



Prédios de habitação construídos em banda e vivendas, ao lado dos esgotos, de fábricas altamente poluentes, de estradas e da via-férrea, por baixo de postes de alta tensão, sem qualquer ordenamento nem respeito pelas pessoas que lá moram.



BOBADELA



ALVERCA



PÓVOA DE SANTA IRIA



ALVERCA

Há duas pequenas exceções a este caos, que são também os dois únicos pontos de contacto com o Tejo em todo este trajecto: os ancoradouros de Alhandra e de Vila Franca onde ainda se vêem alguns cais palafíticos, produtos de outras épocas e que só se mantiveram até agora devido à feroz intransigência das pessoas que lá vivem e trabalham.

Deveriam ter sido outras as prioridades do desenvolvimento português, devendo ter-se privilegiado as infra-estruturas, a sensatez e as obras de raiz em detrimento de obras como o Centro Cultural de Belém e os estádios do Euro 2004. E o pior é que todo o país, e também esta zona, está cheio de obras de fachada como estas, mas feitas agora a nível local, que já começam a degradar-se porque não há dinheiro para as suas agendas de actividades, para as pessoas que deviam empregar, nem para a sua manutenção e conservação.

Concordamos com este tipo de empreendimentos, muitos deles subsidiados com dinheiros europeus, mas como fim e não como início da grande agenda portuguesa de actividades. Como a coroação, e não como o princípio, do esforço nacional e regional que se exige.

No que se refere à Expo 98, parece ter começado como uma excepção a esta falta de qualidade, atraso e ganância, aliando um desígnio ambiental e de contacto com o Tejo com construção civil bem feita e obras emblemáticas. Mas está a tornar-se rapidamente noutra zona saturada de betão, de construções em altura e de sobrelotação de carros.

São precisas grandes obras nesta região, que nos envergonha (uma questão essencial é a de prioridades).

1. Primeiro, lavar e limpar esta zona, despoluindo o rio Tejo e o Trancão, construindo as infra-estruturas de saneamento básico, as ETARES, sistemas de aterros e a necessária reciclagem de lixos.
2. Acabar com as lixeiras clandestinas e as descargas de entulho a céu aberto
3. Construir uma rede viária lógica, fechando, por exemplo, todas as passagens de nível nos caminhos-de-ferro deste troço, substituindo-as por passagens desniveladas. Reabilitar a N10.

4. Reverter as asneiras que se fizeram no plano ecológico, recriando corredores ecológicos e permitindo a vida selvagem existente. Por exemplo, na continuidade do Trancão, para Norte, existe uma zona de reserva Natural do Estuário do Tejo, cheia de esgotos e lixo mas também de vida animal, mas completamente interrompida pelo Emissário da Incineradora ValorSul. É preciso descompartmentá-la, restabelecendo a circulação de animais nesta região (as aves passam, mas não os mamíferos).
5. É preciso promover um verdadeiro Plano Director urbano e industrial, requalificando a malha urbana e a paisagem, investindo na recuperação de prédios degradados em zonas históricas, e liquidar, a prazo, construções em banda e fábricas, muitas delas já desactivadas, que tapam as vistas sobre o Tejo. Convém deixar que algumas dessas fábricas atinjam o seu fim de vida útil, para depois em seu lugar se construírem empreendimentos de cultura e lazer.
6. Atenção que é preciso destruir também todos os equipamentos em desuso que “embelezam” esta zona, prédios clandestinos semi-construídos, restos de fábricas, ruínas inúteis e vandalizadas, porque toda a gente pensa e construir mas ninguém vê o que é necessário fazer para acabar com os destroços que entretanto se criaram.
7. Restabelecer a relação com o Tejo criando pontos de contacto e de fruição do rio (pelo menos um por freguesia), aumentando a qualidade de vida das populações.
8. Promover o desenvolvimento escolar e científico dos jovens dessa região, privilegiando, a par do necessário investimento no ensino, os contactos com o rio e a natureza.

As Câmaras Municipais de Loures (freguesias de Sacavém, Bobadela, S. João da Talha, Santa Iria de Azóia) e de Vila Franca de Xira (freguesias de Póvoa de Santa Iria, Forte da Casa, Alverca do Ribatejo, Sobralinho, Alhandra e Vila Franca de Xira) têm um imenso trabalho a fazer. É preciso também que se perceba que alguma coisa está a ser feita. Se consultarmos a Internet aparecem projectos de intervenção e de despoluição para esta região, mas não se vêem resultados. Não pedimos que se faça tudo ao mesmo tempo, mas que se escalonem as prioridades (as coisas mais fáceis e urgentes para agora e as mais complexas mais para a frente).

Por último, viver bem também educa as pessoas, e passar a viver melhor nesta região vai, de certeza, sensibilizá-las para que não voltem a tolerar este estado de coisas.